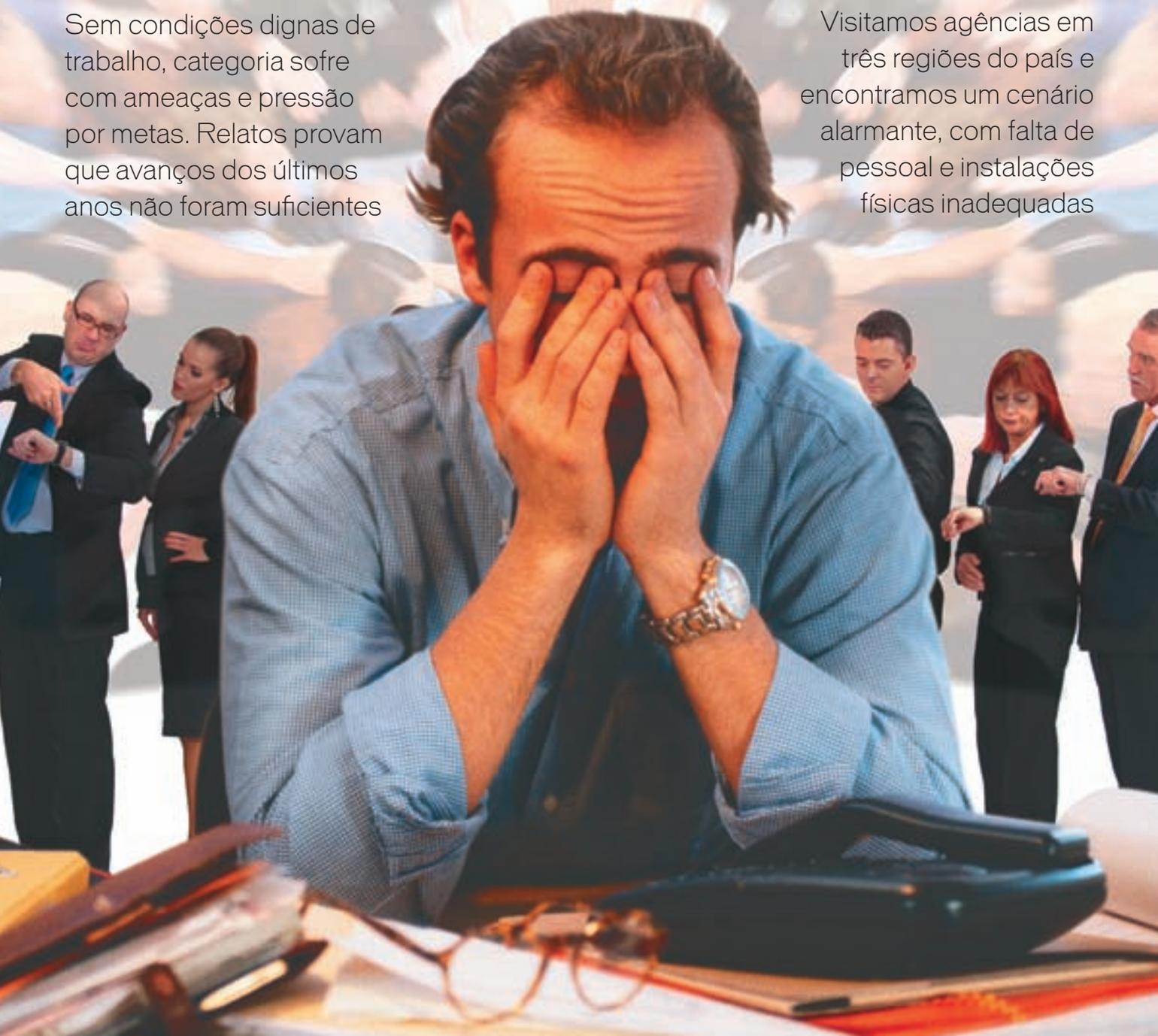


Reportagem Especial

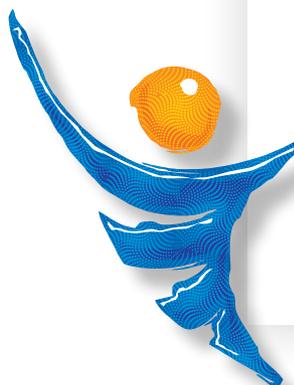
Empregados da Caixa mais estressados e doentes, com jornada sufocante

Sem condições dignas de trabalho, categoria sofre com ameaças e pressão por metas. Relatos provam que avanços dos últimos anos não foram suficientes

Visitamos agências em três regiões do país e encontramos um cenário alarmante, com falta de pessoal e instalações físicas inadequadas



Entrevista: Novo presidente da Fenaec, Jair Pedro Ferreira, fala sobre os desafios da gestão e a importância para os trabalhadores das eleições 2014



Editorial	4
Entrevista	5
Posse da nova diretoria	8
Aniversário da FENAE	10
O Brasil e a Copa	12
Artigo	14
Funcef	15
Capa	16
Eu Faço Cultura	22
Falaonselheiro	25
30º Conecef	26
Jurídico	29
Turismo	30
Jogos da Fena.....	32



Administração e redação: **Fenae - Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal** - SRTVS Qd 701, Centro Empresarial Assis Chateaubriand, Loja 126, Térreo II, Conj. L, Lote 38, Bloco II, Asa Sul Brasília / DF - CEP 70340-906 - Diretoria Executiva - Diretor-presidente: **Jair Pedro Ferreira**. Diretor vice-presidente: **Clotário Cardoso**. Diretora de Administração e Finanças: **Fabiana Cristina Meneguele Matheus**. Diretora de Comunicação e Imprensa: **Natascha Brayner Sobreira**. Diretor de Esportes: **Paulo César Barros Cotrim**. Diretor de Cultura: **Moacir Carneiro da Costa**. Diretor de Assuntos de Aposentados e Pensionistas: **Olívio Gomes Vieira**. Diretoria Executiva: **Sérgio Hiroshi Takemoto, Devanir Camargo da Silva, José Megume Tanaka, Daniel Machado Gaio**. Conselho Fiscal - Titulares: **Marcos Aurélio Saraiva Holanda, Francisca de Assis Araújo Silva, Jorge Luiz Furlan**. Suplentes: **Anabele Cristina Silva, Carlos Alberto Oliveira Lima, Laércio Silva**. Conselho Deliberativo Nacional - Presidente: **Giselle Maria Araújo Lima de Menezes**. Vice-presidente: **Paulo Roberto Damasceno**. Secretário-geral: **Iran Neves Bahia**. Gerente de Comunicação: **Rodrigo Fernandes**. Jornalistas: **Antônio José Reis e Andréa Viegas**. Redação publicitária: **Ana Paula Bessa e Gabriela Pelli**. Fotos: as não identificadas são de autoria de **Augusto Coelho**. Design: **Lisarb Senna de Mello e Marcelo Villodres**. Ilustrações e projeto gráfico: **Lisarb Senna de Mello**. Colaboradores: **Mylton Severiano e Fernando Nogueira**. Impressão: **Bangraf**. Tiragem: 136.500 exemplares. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. As matérias podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. **Distribuição gratuita**.



Empregados clamam por **melhores condições** de trabalho

O empregado da Caixa pede socorro. A falta de condições necessárias para o bom desenvolvimento do trabalho nas unidades do banco gera transtorno e adoecimento. Apesar de alguns avanços nos últimos anos, a acelerada expansão da rede de agências agravou os

problemas. Faltam pessoal e instalações físicas adequadas. Sobra assédio moral, com imposição de metas e ameaças de descomissionamento.

Diante do quadro preocupante, a Fenaé Agora foi conferir o dia a dia em agências nas cidades de São Paulo e Salvador e também no Distrito Federal. Nossa reportagem encontrou unidades funcionando parcialmente, devido à ausência de tesoureiro por adoecimento, empregados “quebrando galho”, o que configura desvio de função, agências com apenas dois caixas e, claro, filas enormes e clientes impacientes.

Mais alarmante que o visual são os relatos de bancários estressados, doentes e até vítimas de infarto, que não conseguem se desligar da rotina diária nem mesmo quando estão de férias. Por isso, muitos estão abandonando o que mais gostam na profissão: atender ao público com excelência. O movimento sindical e associativo está ciente dessa realidade e intensifica a pressão para que a Caixa ofereça condições dignas de trabalho.

Essa edição da revista também traz uma entrevista com o novo presidente da Fenaé. Jair Pedro Ferreira lembra as conquistas nos 43 anos da Federação, aponta os desafios para o movimento dos empregados da Caixa e alerta sobre a necessidade de apostar no modelo de Estado que propiciou os avanços da última década, não permitindo retrocessos.

A Fenaé Agora destaca ainda o 30º Conecef, o retorno do Eu Faço Cultura, a posse da Diretoria e do Conselho Fiscal da Fenaé, o debate em torno da realização da Copa do Mundo no Brasil, as eleições na Funcef e os preparativos para os Jogos da Fenaé 2014.

Boa leitura!





Confira entrevista com
Jair Pedro Ferreira,
eleito presidente da Fenaec
para a gestão 2014/2017.
A posse ocorreu em 29
de abril, durante cerimônia
na sede da Apcef/DF, em
Brasília

Muitas conquistas
e **novos desafios**
para o movimento dos
empregados da Caixa

FA

Como será conduzida a política de fortalecimento da Fenae nos próximos três anos?

Jair

Será dada continuidade ao trabalho que tem sido feito, buscando aprimorá-lo cada vez mais. Vamos prosseguir com as parceiras em diversos segmentos. A meta é buscar sempre a integração entre a Fenae, as Apcefs e os empregados em atividade e aposentados. É preciso estar atento aos anseios do pessoal da Caixa, para saber o que é importante para eles e o que esperam das entidades representativas.

FA

Na missão associativa da Fenae, qual o peso dos eventos sociais, esportivos e culturais?

Jair

A razão de ser das entidades do movimento associativo está calcada na organização, no bem-estar, na convivência familiar e na prática de diversas atividades. Isso mostrou-se acertado com o passar dos anos, pois as entidades representativas passaram a ocupar um papel forte no cotidiano dos empregados da Caixa. A luta é pela busca permanente de qualidade de vida. Nesse sentido, os eventos organizados pela Fenae cumprem funções coletivas e relacionadas ao bem comum.

FA

Como poderá ser analisado o processo de investimentos nas Apcefs?

Jair

Nosso objetivo será sempre o fortalecimento das Apcefs e do associado. Um novo formato de investimentos estará em discussão. O importante, nesse caso, é a Fenae continuar a apoiar as associações. A nova Diretoria, inclusive, fará planejamento estratégico para debater a melhor forma de chegar ao pessoal da Caixa. É preciso que os associados usufruam cada vez mais dos benefícios.

FA

Há dois lados no caminho da Fenae: o político ou da defesa da Caixa e de seus empregados e o comercial. Como a sua gestão pretende combinar o aspecto político com o interesse empresarial?

Jair

Apesar das diferenças entre um e outro aspecto, as empresas do Grupo PAR podem perfeitamente ser combinadas com a atuação política. Nos últimos anos, com o crescimento do lado comercial, tivemos a oportunidade de investir os recursos oriundos dos bons resultados das empresas na reestruturação das Apcefs, e vamos sempre trabalhar pensando no associado. Toda a rentabilidade auferida continuará a ser revertida para o coletivo.

Os resultados nas empresas do Grupo PAR também possibilitaram a profissionalização da atuação social da Fenae, com ênfase na organização de jogos e eventos culturais e sociais. E isso, com certeza, foi e continua sendo muito positivo.

FA

Como será a relação da Fenae com as demais entidades do movimento dos trabalhadores?

Jair

Será sempre de fortalecimento, articulação e respaldo às ações em defesa da classe trabalhadora. A luta é contra o inimigo comum: a concepção neoliberal de sociedade. Vamos melhorar cada vez mais a parceria com entidades dos movimentos sindical e social. A Fenae, aliás, é produto da luta coletiva.

FA

A Fenae atua em defesa da Caixa e dos empregados do banco. Como essa atuação será conduzida no próximo período?

Jair

A ideia é intensificar esse processo. Queremos que os novos empregados passem a entender qual é o papel a Caixa na atual conjuntura brasileira. A empresa precisa assumir responsabilidades em relação à oferta de condições de trabalho adequadas. É preciso também levar em conta a dignidade dos empregados e respeitar os



profissionais e suas carreiras.

Não adianta ter empregados fortes com empresa fraca ou inexistente, nem o inverso. Temos que buscar o equilíbrio, e intensificar as parcerias com entidades da sociedade civil. A reforma urbana e a relação com os movimentos sociais são questões vitais para o movimento associativo, pois o segmento é beneficiário direto das políticas implantadas pela Caixa. Dessa maneira, vamos seguir com a luta em defesa da Caixa como instituição pública, a serviço do Brasil e de sua população.

FA

Qual a avaliação sobre o que tem sido feito pelo movimento dos empregados para ampliar a democratização da Funcef?

Jair

Apesar de existir muito ainda a fazer, a compreensão de que a Funcef somos todos nós tem crescido entre os participantes da Fundação, muito em função de todo um trabalho realizado pelas entidades representativas nos últimos 20

anos, a exemplo da luta para que os participantes pudessem eleger representantes para as instâncias de gestão. Esse processo democrático precisa ser valorizado cada vez mais.

Entre os desafios para o próximo período, o destaque fica por conta da busca por maior participação dos associados, para que a Funcef passe a fazer parte do cotidiano de todos os seus participantes. É preciso, ainda, priorizar a solução do contencioso jurídico e a luta para a incorporação do REB pelo Novo Plano e pelo fim do voto de Minerva.

FA

Em 29 de maio, a Fenae completou 43 anos. Qual a sua avaliação desse momento?

Jair

É muito positiva. Temos muito orgulho de presidir a Fenae nesse período, depois de tudo o que a entidade passou para chegar onde se encontra. A Fenae nunca esteve tão forte como hoje no que diz

respeito à representatividade política, associativa e de suas empresas. Isso é resultado de uma sequência de gestões que fomentaram a luta, o crescimento e um jeito de bem gerir o patrimônio.

Os 43 anos da Fenae são resultado de uma história muito bonita, construída coletivamente. O olhar está voltado para a democracia, para a participação dos trabalhadores, para o diálogo transparente e para a defesa da qualidade de vida dos empregados e aposentados. Não chegamos aqui sozinhos. Somos resultado da atuação de outras gestões e de toda uma luta coletiva consistente.

FA

Que cenário conjuntural é vislumbrado para o Brasil no próximo período?

Jair

Em 2014, estaremos diante do desafio de escolher o modelo de Estado que o Brasil terá para os próximos quatro anos. Defendemos um Estado que faça a inclusão social, a distribuição de renda, que crie empregos formais e invista em políticas públicas. O inverso é retrocesso, enfraquecimento da Caixa, desemprego e recessão. Hoje, temos um país que está evoluindo e uma população com demandas por serviços públicos de qualidade. Temos que apostar no avanço do Brasil. Isso significa maior estímulo às políticas públicas e preocupação direta com o cidadão.



Diretoria da Fenae toma **posse** em meio a muitos e diferentes desafios

Entre as prioridades estão o enfrentamento com as forças políticas que querem o retrocesso do país e os esforços para agregar ainda mais o conjunto dos empregados da Caixa

Ousadia, unidade e mobilização. Esse tripé será a marca da gestão da nova Diretoria Executiva e do novo Conselho Fiscal da Fenae para o triênio 2014/2017, segundo afirmou o presidente eleito Jair Pedro Ferreira, durante cerimônia de posse ocorrida no dia 29 de abril na sede da Apcef/DF, em Brasília.

O ato foi marcado por muita emoção e reuniu várias gerações de empregados e aposentados da Caixa Econômica Federal, além de gestores da Funcef e da Caixa Seguros, parlamentares e lideranças de entidades dos movimentos sindical e social. Entre os presentes, os presidentes da CUT, Vagner Freitas, e da Contraf/CUT, Carlos Alberto Cordeiro, além de representantes da CTB, Fenacef, Fenag, UNEI, Advocéf e Aneac.

“É preciso continuar a acreditar e apostar na luta coletiva e na capacidade da nossa mobilização”, disse Jair Ferreira. Entre os desafios apontados para a nova gestão, ele destacou o fortalecimento das Apcefs e do associado, assim como as parcerias com os aposentados e com o movimento sindical bancário.



Quatro ex-presidentes da Fenae prestigiaram a posse da nova diretoria: Carlos Alberto Caser (1993/1999), Carlos Augusto Borges (1999/2003), José Carlos Alonso (2003/2008) e Pedro Eugênio Leite (2008/2014). Aliás, o clima de confraternização do evento é reflexo do que a Fenae tem sido nessas mais de quatro décadas: agente de promoção do bem-estar e das lutas e de conquistas dos empregados da Caixa.

Política de fortalecimento das Apcefs e do associado

Com uma história construída ao longo de 43 anos, com prioridade nas atividades de integração social, política, esportiva e cultural do pessoal da Caixa, sempre em interação com as Apcefs, a Fenae terá muitos desafios no período de 2014 a 2017. Um dos principais será a defesa de um Brasil melhor e mais justo, combinado à política de agregar ainda mais o conjunto dos empregados da Caixa.

Segundo Jair Ferreira, será preciso continuar a enfrentar as forças políticas que querem o retrocesso do país. **“A luta contra o retorno ao passado neoliberal será uma das prioridades da Fenae nos próximos anos”**, atesta.

Ainda em seu discurso de posse, o presidente da Fenae defendeu um novo modelo de gestão para a Federação, com base em uma política consistente de fortalecimento das Apcefs e do associado. Também serão adotadas medidas para melhorar ainda mais os resultados das empresas do Grupo PAR, prosseguindo com a realização de eventos esportivos e culturais de peso. Outras prioridades, segundo ele, são as parcerias com o movimento sindical, as atividades com entidades do movimento social e as ações nas áreas de responsabilidade social e ambiental.

Sem dúvida, a força das ações da Fenae tem relação direta com o compromisso de sempre: seguir ao lado da classe trabalhadora, na defesa da Caixa e de seus empregados.



Fenae de muitas histórias, **lutas e** em defesa da Caixa e de seus emp

São 43 anos de união, lutas e conquistas não só pelos empregados da Caixa Econômica Federal, mas também por um Brasil mais justo. O aniversário é da Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa (Fenae), comemorado em 29 de abril. Para Fabiana Matheus, diretora de Administração e Finanças da Fenae e coordenadora da Comissão Executiva dos Empregados (CEE/ Caixa), **“a data é propícia para reafirmar que, em momentos de dificuldades, a entidade se fortalece para defender os empregos, os direitos e a renda de todos os trabalhadores em atividade e dos aposentados da Caixa”**. Hoje, segundo ela, **“o desafio que se apresenta e que deve perdurar pelo próximo período é a luta contra o retrocesso e a volta ao passado neoliberal”**.

No decorrer de mais de quatro décadas, as lutas travadas pela Fenae resultaram em algumas conquistas importantes. Foram feitas mobilizações pelo direito à greve, à jornada de seis horas diárias, à

sindicalização, ao PCS, à estabilidade no emprego, à aposentadoria complementar, aos reajustes salariais e às condições dignas de trabalho. Entre os exemplos de reivindicações vitoriosas estão o fim da política de reajuste zero, os aumentos reais nos salários, a PLR social, a contratação de mais empregados, o fim do RH 008, a elaboração e implantação do Saúde Caixa, o Novo Plano e a democratização na gestão da Funcef, além da retomada de benefícios para os técnicos bancários.

Melhor qualidade de vida para o pessoal da Caixa

Outros importantes destaques são as ações em defesa da Caixa como banco público e a de seus trabalhadores, aliada à política de fortalecimento das Apcefs e do associado. Atualmente, as áreas de interesse da Fenae abrangem esporte, cultura, atividades sociais, ações de respeito ao meio ambiente



conquistas regados

e desenvolvimento humano e capacidade de gestão e visão estratégica no campo empresarial, por intermédio das empresas do Grupo PAR. Fabiana Matheus explica que “a atuação da Fenae em todas essas frentes tem como objetivo fundamental a melhoria da qualidade de vida do pessoal da Caixa”. Diz ainda que essa atuação está traduzida, de forma direta, na realização de jogos nacionais, de festivais de música, de eventos do Circuito Cultural e no apoio à programação organizada pelas 27 Apcefs afiliadas, a exemplo do Dia do Saci, dos Jogos Regionais e da Corrida do Pessoal da Caixa, culminando no planejamento e execução de projetos voltados para as entidades do movimento associativo.

A Fenae surgiu no ano de 1971. De lá pra cá, a entidade mantém-se em caráter de vanguarda nas diversas áreas de sua atuação. Um dos períodos mais marcantes ocorreu entre 1995 e 2002, durante o governo neoliberal de FHC, quando

houve todo um movimento contra a tentativa de transformar a Caixa em espaço de obtenção de lucro para a iniciativa privada e deixar de lado a vocação da empresa em servir à sociedade e ao Brasil. Foram, sem dúvida, momentos de resistência e de afirmação.

Anos depois, já sob os governos Lula e Dilma, houve avanços, apesar dos problemas ainda serem grandes. O papel da Caixa como agente de políticas públicas e banco indutor do desenvolvimento econômico e social foi resgatado, mas as condições de trabalho continuam inadequadas. São grandes ainda as discriminações e injustiças remanescentes da política de recursos humanos no período em que a Caixa estava sendo desmontada para a privatização. Uma das heranças que precisam de soluções urgentes é a que se refere ao quadro de empregados em situações diferenciadas. Alguns benefícios foram reconquistados para os novos empregados, devido às mobilizações e greves contra as resistências da direção do banco. Outros continuam sendo negados, gerando indignação e acirramento da luta pela isonomia. Isso, para Fabiana Matheus, prova que as conquistas surgem pelo viés das mobilizações cotidianas.



O que o **Brasil** ganha com a Copa do Mundo?

Para o governo, momento é considerado de grandes oportunidades para o País. Já para uma parcela dos brasileiros, gastos deveriam ser direcionados para saúde, educação e segurança

A pós 64 anos, o Brasil volta a ser palco de uma Copa do Mundo. A pergunta que ainda se faz é: o que o País ganha com o evento? As opiniões se dividem, o que torna o debate importante. Não se pode negar que avanços estão em curso, sobretudo nas áreas de mobilidade urbana, aeroportos, portos, telecomunicações, segurança e hotelaria.

“A Copa é temporária, mas os benefícios são permanentes. Também vamos sediar as Olimpíadas de 2016. São os dois maiores eventos esportivos do

mundo. Este é um momento histórico e de grandes oportunidades”, diz Wagner Caetano de Oliveira, secretário nacional de Relações Político-Sociais da Secretaria Geral da Presidência da República. Convidado pela Diretoria da Fena, ele apresentou dados sobre o tema durante a primeira reunião do ano do Conselho Deliberativo Nacional (CDN), realizada em Brasília nos dias 29 e 30 de abril.

O plano de investimentos relacionados ao Mundial, segundo dados da Secretaria Geral, totaliza R\$ 25,6 bilhões. R\$ 8 bilhões (31%) foram para a construção e reforma dos estádios: R\$ 4 bilhões de financiamento federal, que vão voltar para os cofres públicos; R\$ 3,8 bilhões de verbas locais; e R\$ 200 milhões de dinheiro privado. Os outros R\$ 17,6 bilhões estão sendo aplicados em mobilidade urbana (R\$ 8 bilhões), aeroportos (R\$ 6,3 bilhões), portos (R\$ 600 milhões), segurança (R\$ 1,9 bilhão), telecomunicações (R\$ 400 milhões), infraestrutura turística (R\$ 200 milhões) e instalações complementares (R\$ 200 milhões).

A insatisfação nas ruas, porém, não pode ser ignorada. Atualmente, segundo pesquisa Datafolha, metade da população apoia a realização da Copa no Brasil. Em 2008, ano seguinte ao anúncio oficial da Fifa, eram 79%, índice que caiu para 65% em junho de 2013 e para 52% em fevereiro deste





ano. **“O País melhorou muito na última década, mas nós, brasileiros, com todo o direito, queremos mais qualidade nos serviços públicos”**, avalia o presidente da Fenaé, Jair Pedro Ferreira.

Na reunião do CDN, o secretário Wagner Caetano garantiu que as intervenções nas arenas não afetam áreas como saúde e educação. “Desde 2010, o governo federal investiu R\$ 825,3 bilhões nesses dois setores. Em 2014, serão mais de R\$ 107 bilhões em educação e R\$ 91,5 bilhões em saúde”, detalhou. E acrescentou: **“Temos que ressaltar também a geração de mais de 700 mil empregos, as oportunidades para os jovens e os novos negócios para as micro e pequenas empresas”**. A Copa deve

atrair 600 mil estrangeiros e fazer circular pelas cidades-sede 3 milhões de brasileiros, movimentando R\$ 25 bilhões.

Jair Pedro Ferreira afirma não ter dúvidas de que o Mundial acelerou investimentos que vão resultar em mais qualidade de vida para os brasileiros. **“Os problemas do País não serão resolvidos com a Copa. Mas o evento fez com que os governos investissem mais em ônibus, metrô, trens e aeroportos, por exemplo. A obrigação de todos nós é acompanhar e exigir transparência no uso do dinheiro público e cobrar a destinação de mais recursos para saúde, educação, segurança e habitação, entre outros”**, finaliza.



Fora da curva

Estamos em um momento excepcional da história do **financiamento habitacional** no Brasil

tiveram a mesma reposição inflacionária, logo, houve a inadimplência massiva dos mutuários.

O período 1983-1986 foi “a crise do subprime brasileira”, inclusive com a quebra do Banco Nacional de Habitação e a transferência dos inadimplentes para a Caixa, além da criação do FCVS (Fundo de Compensação da Variação Salarial), dívida pública que só será resgatada em 2027. A Caixa buscou recuperar os créditos inadimplentes até 2001, quando os transferiu para a EMGEA. Não houve mais expansão significativa do crédito imobiliário, exceto a derivada do “Margaridaço” (imposta pela Ministra Margarida Procópio do Governo Collor): a alta artificial da concessão de crédito habitacional sem avaliação de risco, realizada em 1991. A sociedade brasileira ficou, praticamente, 20 anos (1983-2003) sem acesso fácil ao crédito imobiliário!

No final de 2004, levei um estudo de minha equipe da VIFIN ao presidente da Caixa, Jorge Mattoso, mostrando que a Caixa não concedia crédito imobiliário com recursos dos depósitos de poupança desde 1992, pois estava “sobreadapada” acima de 65% da exigibilidade. Tomamos a decisão de transferir esses recursos até então aplicados em Tesouraria de volta ao financiamento do SBPE. A VIURB, Vice-presidência de Desenvolvimento Urbano, foi mudada em abril de 2005, e assumida por Jorge Hereda, atual presidente da Caixa. Desde então, houve uma re-evolução no crédito imobiliário no Brasil, acentuada pelo programa social MCMV (Minha Casa Minha Vida)!

O MCMV já contratou 3.316.430 unidades habitacionais, 1.857.815 foram construídas e 1.614.820 já foram entregues. A média anual do financiamento imobiliário por governo é a seguinte: FHC, 181,6 mil; Lula, 474 mil e Dilma, 1.095,5 mil.

O crédito imobiliário é o que cresce mais rapidamente entre todas as modalidades de financiamentos. Sua participação no PIB, mesmo subestimada pelo Banco Central, em 2013 atingiu 8,2% e certamente alcançará 12% até o final da década. Foi praticamente “zerado” em 2001, sendo um patamar bem inferior ao dos países que passaram por “bolha imobiliária”, como os Estados Unidos e a Espanha.

Esses países fizeram securitização do crédito imobiliário. Há vantagens de emissão de Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI) como: a realização de lucro antecipada, a redução dos riscos pela transferên-

cia para as companhias securitizadoras e daí, para investidores institucionais (fundos de pensão) e ganhos de liquidez com a maior rotação de capital para a concessão de novo crédito.

O desafio histórico, aqui e agora, será fazer o que denomino de Tropicalização Antropofágica Miscigenada: receber boas ideias vindas de fora, filtrá-las para não repetir erro como a securitização de créditos subprime, e adequá-las ao nosso ambiente institucional. Com a queda da taxa de juros básica, será possível securitizar o financiamento habitacional dirigido para o mercado com recursos da poupança.

No final do regime militar entre 1979 e 1982, houve forte aumento da contratação. Porém, com dois choques cambiais (maxi-desvalorizações da moeda nacional), o patamar da taxa de inflação inercial elevou-se para 220% ao ano. Quando a correção monetária dos depósitos de poupança (e do FGTS) nos passivos bancários foi repassada para as prestações, os salários não



Novos mandatos e muitos desafios para diretores e **conselheiros eleitos** na Funcef

Novos diretores executivos, além de conselheiros deliberativos e fiscais, foram eleitos para a Funcef em pleito realizado no período de 5 a 9 de maio. O direito de escolher representantes, resultado da combinação de resistência e mobilização, fortalece a participação dos trabalhadores na gestão da Fundação, assim como na luta por mais e melhores benefícios para todos os participantes.

Os eleitos foram Antonio Augusto de Miranda e Souza, Max Mauran Pantoja da Costa e Délvio Joaquim Brito, para a Diretoria Executiva. Para o Conselho Deliberativo, os escolhidos foram Gilson Tavares Costa e Herbert Otto Homolka (titulares), tendo como suplentes José Silva Esteves e Ayda Pereira Dantas. Os novos integrantes do Conselho Fiscal são Jairo Dantas (titular) e Paulo Roberto Fogaça dos Santos (suplente).

A diretora de Administração e Finanças da Fenae, Fabiana Matheus, que já exerceu mandato de conselheira deliberativa eleita, destaca que a conquista da democratização da gestão foi determinante para as transformações realizadas no âmbito da Funcef na última década. **“O desafio é manter a luta para seguir avançando, de modo a que o fundo de pensão dos empregados da Caixa seja cada vez mais transparente para seus associados”**, afirma.

Fórum

As entidades representativas dos empregados ativos e aposentados da Caixa - Fenae, Fenacef e Fenag - decidiram, em reunião realizada em maio, manter o Fórum para tratar das questões da Funcef. Essa instância de debate, no âmbito do movimento associativo da categoria, foi criada em 26 de abril de 2007 com o objetivo de aprofundar o debate sobre a Fundação e buscar aproximação das representações dos empregados da Caixa com diretores e conselheiros eleitos.

Pré-79

Em audiência ocorrida no final de maio, representantes da Fenae e do Sindicato dos Bancários de Pernambuco, e a deputada federal Erika Kokay (PT/DF), solicitaram apoio da ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Eleonora Menicucci, para resolver a situação das empregadas que ingressaram na Caixa até 18 de junho de 1979 e que recebem benefício menor que os homens que entraram na empresa no mesmo período. A diretora da Fenae, Fabiana Matheus, lembrou que a equiparação já foi aprovada nas instâncias da Funcef desde 2008, mas está emperrada na Caixa. A ministra prometeu conversar com o presidente da empresa, Jorge Hereda, sobre a questão.

Empregados da Caixa



pedem socorro



Ameaças, pressão por metas e instalações físicas inadequadas fazem parte do dia a dia nas unidades do banco. Movimento sindical e associativo pressiona para que a empresa ofereça condições dignas de trabalho

Não é de hoje que as entidades sindicais e do movimento associativo denunciam e cobram da Caixa Econômica Federal medidas para melhorar as condições de trabalho no banco. Com a política de expansão da rede em ritmo acelerado o problema se agravou. A falta de pessoal atinge agências novas e antigas. Os trabalhadores se desdobram para cumprir as metas impostas e sofrem assédio moral com ameaças de descomissionamento. O resultado são empregados estressados e vítimas de doenças físicas e psicológicas.

Durante uma semana, a equipe da Fenaé Agora constatou in loco a deterioração das condições de trabalho na rede da Caixa. Quinze agências foram visitadas em São Paulo (capital), em cidades satélites do Distrito Federal e em Salvador (BA). A sobrecarga de trabalho, o assédio moral e a ineficiência dos sistemas do banco são as principais queixas dos empregados.

Na capital paulista, foram flagradas agências com oito empregados, no máximo, que davam conta de todos os serviços bancários, além do atendimento social, realizado exclusivamente pela Caixa como pagamento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), do Programa de Integração Social (PIS) e do Bolsa Família. Em uma delas, a equipe estava desfalcada de uma funcionária que entrou de licença-maternidade, ou seja, tinha apenas sete funcionários para atender uma demanda elevada, especialmente por programas sociais. Desde a inauguração da unidade, o guichê de atendimento expresso, instalado com a finalidade de atender esses serviços, permanece vazio porque não é possível manter pelo menos um empregado no posto.

Apesar do quadro permanente de escassez de pessoal, a agência não deixa de atender os clientes que a procuram. A consequência é a superexploração dos trabalhadores. O atendimento é feito por empregados de outras segmentos, que vão acumulando atividades. **“Se chegar uma demanda do FGTS ou PIS, tem de ser atendida pelo colega que está menos sobrecarregado, o que é difícil com uma equipe tão reduzida. Não podemos orientar a população a procurar outra agência”**, relatam os empregados.



Outras agências enfrentam o mesmo problema. Em uma delas, apenas dois caixas faziam o atendimento. Um deles, lotado em outro segmento, estava substituindo o colega que deixou a unidade, caracterizando desvio de função. Os empregados contam que o dia a dia é sempre estressante e sofrem pressão para não fazer hora extra.

A abertura de novas agências gerou a expectativa de melhores condições de trabalho nas unidades mais antigas, o que não aconteceu. A jornada estressante e o ritmo acelerado continuaram. Em funcionamento há 16 anos, uma das agências paulistanas visitadas pela Fenae Agora possui quatro caixas para atender uma demanda diária de mais de 400 pessoas. No dia 15 de maio, apenas três estavam trabalhando. O outro encontrava-se de folga compensando horas extras. A sala de espera para a bateria de caixas estava lotada e os clientes, impacientes. Esta, segundo relatos dos usuários e dos empregados, é a rotina diária de quem procura a unidade. A equipe visitou outra agência antiga, na mesma região. Além de ter um quadro insuficiente para atender as suas demandas, é pressionada para ceder empregados a outras unidades.

No Distrito Federal e na capital baiana, as queixas dos empregados relacionadas a sobrecarga de trabalho e cobrança de metas também são muitas. Uma agência do DF visitada pela Fenae Agora, no dia 19 de maio, iniciou o atendimento ao

público com apenas cinco funcionários, porque dois estão de férias compulsórias e outro fazendo curso.

A poucos metros, mais uma agência, aberta a menos de dois anos, enfrentava a precariedade imposta pela falta de pessoal. A unidade abriu parcialmente - apenas com atendimento de segmentos - porque estava sem tesoureiro, que não foi trabalhar por estar de atestado médico.

Esse, aliás, é um dos problemas que mais afeta a maioria das agências da Caixa. Os tesoureiros não têm substitutos, por

conta da falta de pessoal e do desvio de função. O Sindicato dos Bancários de Brasília já realizou protestos e fechou agências em cidades satélites do DF, em protesto ao descaso da Caixa com os trabalhadores.

O cenário em Salvador não é diferente das agências de São Paulo e do Distrito Federal. Em uma das unidades mais antigas da capital baiana, os empregados reclamam da carência de pessoal e das cobranças para realizar atendimento ágil e vender produtos. Vários empregados deixaram a unidade por conta de problemas de saúde. Outra reclamação recorrente é a inoperância dos sistemas (Sisag, Siban, Sisdc, Sapx e Cadastro Caixa), que são considerados arcaicos, travando com frequência e emperrando o atendimento.

Áreas de suporte

A carência de pessoal afeta também as áreas que dão suporte à rede como retaguarda, Gilog (logística), Gipes (Pessoal) e Giseg (Segurança). Segundo Dionísio Reis, membro da CEE/Caixa e diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo, aumentou em mais de 30% o número de empregados na rede de agências, enquanto nos demais setores o crescimento não chegou a 7%.

Com o trabalho excessivo, as áreas não oferecem suporte de forma adequada. **“Tem Gilog que possui um trabalhador para cuidar de todas as agências”**, exemplifica Dionísio. O atendimento a uma chamada



aberta por uma unidade pode levar semanas, dependendo da região em que está localizada.

Até agora a Caixa não conseguiu explicar como é definida a lotação das agências. Conquista da campanha salarial 2013, o Fórum Paritário sobre Condições de Trabalho cobrou medidas para resolver o problema, mas a Caixa alega que o dimensionamento de funcionários é feito conforme a demanda da região onde a unidade está instalada. **“Discordarmos totalmente desses dados. Pedimos maior detalhamento das informações e a Caixa não apresentou”**, destaca Fabiana Uhera, membro do Fórum Paritário sobre Condições de Trabalho. Segundo ela, o banco dispõe de recursos para agilizar as contratações. **“O problema está no modelo de gestão, que pune os trabalhadores”**, enfatiza.

Pressão por metas e saúde comprometida

“Gosto muito do trabalho na agência, do pessoal, mas estou indo embora. Minha saúde é mais importante”. O desabafo é do ex-supervisor de uma agência localizada em uma cidade satélite do DF. Rafael Jorge Sales da Rocha está na Caixa há cinco anos e acabou de ser aprovado no Processo Seletivo Interno (PSI) para trabalhar na área meio.

A decisão de deixar a rotina desgastante da agência ocorreu no início deste ano, quando descobriu que estava com pangastrite (inflamação na parede interna do estômago). Estressado e com a saúde afetada, recorreu à terapia para enfrentar os problemas psicológicos que começaram a aparecer.

Rafael conta que não foi o único que não suportou a pressão. O tesoureiro também participou do PSI e está deixando a unidade.

Em dezembro do ano passado, ao sair de férias, quase não conseguiu se afastar do trabalho, porque os colegas enviavam mensagens pelo celular solicitando ajuda. Depois de uma semana neste ritmo, teve de desligar o aparelho.

A carência de pessoal gerou no ambiente da Caixa o que alguns empregados chamam de **“empregado coringa”**, uma espécie de faz tudo, que cobre os mais variados segmentos da unidade, conforme aperta a demanda. **“Num mesmo dia cheguei a fazer atendimentos em praticamente todos os setores da agência”**, revela o ex-supervisor Rafael da Rocha.



Problemas de saúde também são relatados por outro empregado de Salvador, que está na Caixa há mais de 25 anos. Ele sofreu um infarto e por recomendações médicas precisou diminuir o ritmo de trabalho. **“Eu vivia com pressão alta, tenso, nervoso, ficava impaciente. Temos uma demanda muito grande e existe a cobrança para atender bem. Só que a empresa não oferece condições”**, desabafa o assistente de gerente, que já perdeu função por não cumprimento de metas. O empregado acionou a Caixa na Justiça por conta do assédio moral e o não pagamento de horas extras.

As metas abusivas causam transtornos aos trabalhadores e comprometem a saúde da categoria. **“Faltam as condições necessárias para o bom desenvolvimento do trabalho. Os empregados estão pedindo socorro, porque não aguentam mais as condições impostas pela Caixa. A pressão por produtividade e as instalações físicas inadequadas geram desconforto e adoecimento.”**, ressalta Fabiana Matheus, coordenadora da Comissão Executiva de Empregados (CEE/Caixa) e diretora de Administração e Finanças da Fena.



Rafael Jorge Sales da Rocha

“Quando estamos na agência não nos permitimos nem adoecer. Pesa na cabeça que os outros colegas ficarão sobrecarregados”

Números do Anuário Estatístico da Previdência Social de 2012 (último relatório publicado) mostram que na Caixa foram registrados 72 afastamentos por Doença do Trabalho em todo o Brasil. Os dados, segundo o representante da Contraf/CUT no GT Saúde do Trabalhador, Plínio Pavão, não representam a situação real. Ele denuncia que **“a doença do trabalho está sendo camuflada como doença comum”**.

O mesmo relatório do INSS indica que houve 334 casos considerados pelo órgão como acidente de trabalho, nos quais a Caixa deixou de emitir a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT). **“Somados aos 428 acidentes do trabalho com CAT emitida, temos um total de 762 ocorrências. Podemos considerar que a grande maioria dos casos registrados como AT pelo INSS sem emissão de CAT é de doenças do trabalho, o alvo ‘preferencial’ da subnotificação”**, ressaltou Plínio.

Outra dado relevante é que mais de 25% das doenças que acometem bancários são relacionadas ao sofrimento mental. **“As péssimas condições de trabalho, a sobrejornada e, principalmente, a pressão por produtividade são as grandes responsáveis por essa epidemia”**, avalia o representante da Contraf/CUT.





Luta por melhorias

Há anos o movimento associativo e sindical tem pressionado a direção da Caixa Econômica Federal para oferecer condições dignas de trabalho. Para buscar solucionar aos problemas decorrentes dessa deficiência, a Fena e as Apcefs criaram, em 2007, a campanha **“Mais Empregados para a Caixa, Mais Caixa para o Brasil”**, intensificando as ações para cobrar da empresa a ampliação do quadro de pessoal.

O tema também tem sido pauta de fóruns de debates dos empregados como o Conecef e nas mesas de negociação permanente, além das campanhas salariais. Apesar de alguns avanços nos últimos anos, a realidade está aquém do considerado ideal e saudável para os trabalhadores.

A coordenadora da CEE/Caixa lembra que uma das conquistas da campanha salarial de 2013 foi o pagamento integral das horas extras em agências com até 15 empregados. Segundo Fabiana Matheus, porém, a Caixa insiste em desrespeitar o que foi acordado, e os empregados denunciam que são pressionados a não registrar as horas trabalhadas a mais.

O banco estabeleceu até dotação orçamentária para o pagamento das horas extras nas unidades. Os gestores são cobrados quando ultrapassam o limite. Um dos fatos mais recentes aconteceu no final de maio, no Ceará, onde uma gerente geral enviou e-mail para os empregados da agência com a mensagem “não batam horas extras”, alegando ter extrapolado a cota. Após pressão de entidades locais, a gerente foi afastada e ficou acordado que será formado um grupo para apurar e debater o ocorrido.

“As entidades estão acompanhando este e outros problemas que comprometem as condições de trabalho na Caixa e vamos cobrar soluções nas mesas de negociação permanente”, enfatizou Fabiana.

No começo de junho, a Fena e enviou ofício ao vice-presidente de Varejo e Atendimento da Caixa, José Henrique Marques da Cruz, solicitando providências para melhorar as condições de trabalho nas unidades do banco, e também esclarecimentos com relação às denúncias apresentadas pela reportagem da revista Fena e Agora.



Eu Faço Cultura vai movimentar

13 cidades em **2014**

Renovado, projeto de iniciativa da Fenaec quer estar mais próximo das pessoas. Destaques serão o incentivo a artistas locais e as oficinas em cinco modalidades

Em sua sétima edição, o Eu Faço Cultura (EFC) dá início a uma nova fase. Mais especial, bonito e espontâneo, o projeto vai continuar a levar cultura, alegria e diversão às pessoas das cidades contempladas neste ano. Tudo de maneira gratuita. A grande mudança é o foco: a programação vai priorizar as apresentações de artistas locais e a realização de oficinas de percussão, circo, fotografia, artes plásticas e dança.

O calendário 2014 do EFC prevê a passagem por 13 cidades: Brasília (DF); Novo Hamburgo e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul; Sorocaba, Santos, Santo André e São José dos Campos, em São Paulo; Poços de Caldas, Juiz de Fora, Governador Valadares e Montes Claros, em Minas Gerais; Vitória (ES) e São Luís (MA). A abertura deve ocorrer no dia 19 de julho, na capital federal.



“O Eu Faço Cultura é importantíssimo, pois leva disciplinas culturais a milhares de cidadãos, contribuindo para a cidadania e o desenvolvimento pessoal dos participantes. Esse novo modelo vai beneficiar ainda mais comunidades com fragilidades sociais”, afirma o diretor de Cultura da Fena, Moacir Carneiro.

Todas as atividades do EFC nos municípios estarão concentradas no Marco Cultural. O espaço vai contar com tendas, nas quais serão realizadas as oficinas, e com um palco principal, onde haverá apresentações regionais. Os artistas interessados em utilizar o palco deverão se inscrever no site do projeto. Também haverá um espaço para as crianças, a Rua Cultural Brincante. A programação será encerrada com música instrumental, cinema e apresentação teatral.

Outra novidade do novo formato é a publicação “Territórios Culturais”, que vai reunir diversas opções de oferta cultural já disponíveis nas cidades e que será distribuída no final da passagem da caravana do EFC. Entre as áreas que vão integrar o material estão: cinemas, galerias, museus, teatros, livrarias, centros culturais e edifícios históricos.

Mais de 600 mil beneficiados desde 2006

O projeto Eu Faço Cultura é uma realização do Movimento Cultural do Pessoal da Caixa (MCPC), iniciativa da Fena e das Apcefs. São mais de 92 mil empregados da Caixa envolvidos, dos quais 26 mil já fizeram doações. Os números fazem do EFC o maior projeto cultural do Brasil financiado com recursos do Imposto de Renda de Pessoa Física. A mecânica prevê a doação espontânea, cabendo dedução no IRPF, direito garantido pela Lei Rouanet.

O diretor Moacir Carneiro enaltece ainda o papel fundamental dos empregados da Caixa. **“Não existiria o Eu Faço Cultura sem o MCPC. São as nossas doações que levam o projeto cada vez mais longe e que o faz cada vez mais bonito”,** diz.

Ao longo dos sete anos de existência, o Eu Faço Cultura passou por mais de 60 cidades, com mais de 200 eventos realizados. Cerca de R\$ 31 milhões foram arrecadados e investidos, beneficiando mais de 50 instituições e 600 mil pessoas.

O jovem Eduardo Scaramuzza, que hoje estuda Música na Universidade Estadual de Campinas (SP), foi um dos vários brasileiros que tiveram a vida transformada. **“O EFC foi até São José do Rio Preto, onde eu morava, por dois anos. Eu já tocava percussão há algum tempo e depois daquele dia, decidi continuar. Mudou minha vida”,** conta, emocionado. André Soares, do Instituto Batucar, situado na cidade-satélite de Recanto das Emas, no DF, acrescenta: **“o projeto leva a musicalidade para comunidades que não têm acesso”.**



Oficina de Percussão

“Conhecendo e Tocando”

Serão abordados conhecimentos sobre manifestações da cultura popular e alguns dos ritmos por meios de instrumentos como caixa, surdo, agogô, tamborim, ganzá e pandeiro. O limite será de 20 alunos por oficina, sendo 10 oficinas no total.



Oficina de Fotografia

Na parte teórica, os alunos vão aprender diversos conceitos sobre as técnicas da fotografia. Já na prática, terão a oportunidade de aprender a construir uma máquina fotográfica sem lente, através de materiais reciclados. O limite será de 15 alunos por oficina, sendo oito oficinas no total.

Oficina de Circo

Será composta por um circuito com as seguintes modalidades: alongamento, aquecimento, acrobacias de solo e malabarismo com claves, bolinhas, pratos giratórios, arcos e swings. O limite será de 20 alunos por oficina, sendo oito oficinas no total.



Oficina de Artes Plásticas

Os alunos terão a oportunidade de manusear materiais reaproveitados e construir brinquedos a partir deles. Todo o trabalho será coordenado por um instrutor. O limite será de 20 alunos por oficina, sendo 10 oficinas no total.

Oficina de Dança

Visa proporcionar ao aluno o enfoque na percepção e consciência do próprio corpo por meio de movimentos que atuam na postura, capacidade de concentração, força, flexibilidade e alongamento. O limite será de 15 alunos por oficina. As oficinas serão correntes, ou seja, não serão realizadas por tempo.



Fala, conselheiro!

Informativo dos Representantes dos empregados no Conselho de Administração da Caixa - Junho de 2014

Desde que assumimos como representantes dos empregados no Conselho de Administração (CA) da Caixa, em março passado, já foram realizadas três reuniões em Brasília. Apesar de, por medida legal, não podermos divulgar o conteúdo desses encontros, é importante que todos saibam qual é exatamente o nosso papel.

Ressaltamos que o Conselho de Administração é o órgão de orientação geral dos negócios da Caixa, responsável por definir diretrizes e objetivos e por monitorar e avaliar os resultados do banco, além de decidir os rumos do negócio, conforme o melhor interesse da organização.

Formado por sete membros efetivos, sendo cinco indicados, um eleito e um presidente, além de um suplente, o Conselho de Administração é a instância onde se pode propor, debater e acompanhar o desenvolvimento de todas as atividades pertinentes à Caixa.

De acordo com o artigo 18 do Estatuto da Caixa, compete ao Conselho de Administração atuar como organismo de interlocução entre o banco e o Ministério da Fazenda e opinar, quando solicitado pelo Ministro de Estado da Fazenda, sobre questões relevantes relacionadas ao desenvolvimento econômico e social do país e às atividades da Caixa; aprovar o modelo de gestão da Caixa e suas atualizações; aprovar o plano estratégico da Caixa e monitorar sua implantação; aprovar e revisar as políticas de atuação do banco, inclusive as políticas de gerenciamento de riscos e de gerenciamento de capital; estabelecer e aperfeiçoar o sistema de governança corporativa da Caixa; aprovar e revisar o plano de capital do banco; autorizar a contratação de auditores independentes e a rescisão desses contratos; aconselhar o Presidente da Caixa nas questões sobre linhas gerais orientadoras da atuação da Empresa; fiscalizar a execução da política geral dos negócios e serviços da Caixa, e acompanhar e fiscalizar a gestão do Presidente, dos Vice-Presidentes, dos Diretores-Executivos e do Diretor Jurídico; além de deliberar sobre: alterações estatutárias e o seu Regimento Interno, dentre outras atividades.

Como podemos constatar acima, os conselheiros têm entre suas funções discutir o modelo da Caixa e suas atualizações, definir diretrizes, desafios e objetivos corporativos, monitorar e avaliar resultados, aprovar as políticas de atuação e o plano estratégico da empresa, monitorando sua implantação e, principalmente, fiscalizar

a execução da política geral dos negócios e serviços da Caixa, acompanhando e fiscalizando a gestão do presidente, dos vices e do diretor Jurídico, dentre outras.

Como representante dos empregados, queremos reiterar a importância desse espaço como fórum de discussão e de reforço do papel social da Caixa como banco de fomento do desenvolvimento do país.

Apesar de a Lei 12.353 de 28 de dezembro de 2010 e o Estatuto da Caixa, artigo 17, Inciso IV, parágrafo § 12, estabelecer que o conselheiro de administração representante dos empregados não participará das discussões e deliberações que envolvam relações sindicais, remuneração, benefícios, vantagens e matérias de previdência complementar e assistenciais, hipóteses em que fica configurado o conflito de interesse, temos insistido na participação da suplente nas reuniões do CA. Não é uma participação obrigatória, mas de fundamental importância, já que há muitas questões relativas aos empregados que precisam ser apresentadas aos demais conselheiros para que, pela via do diálogo, seja possível obter melhorias no ambiente e condições de trabalho.

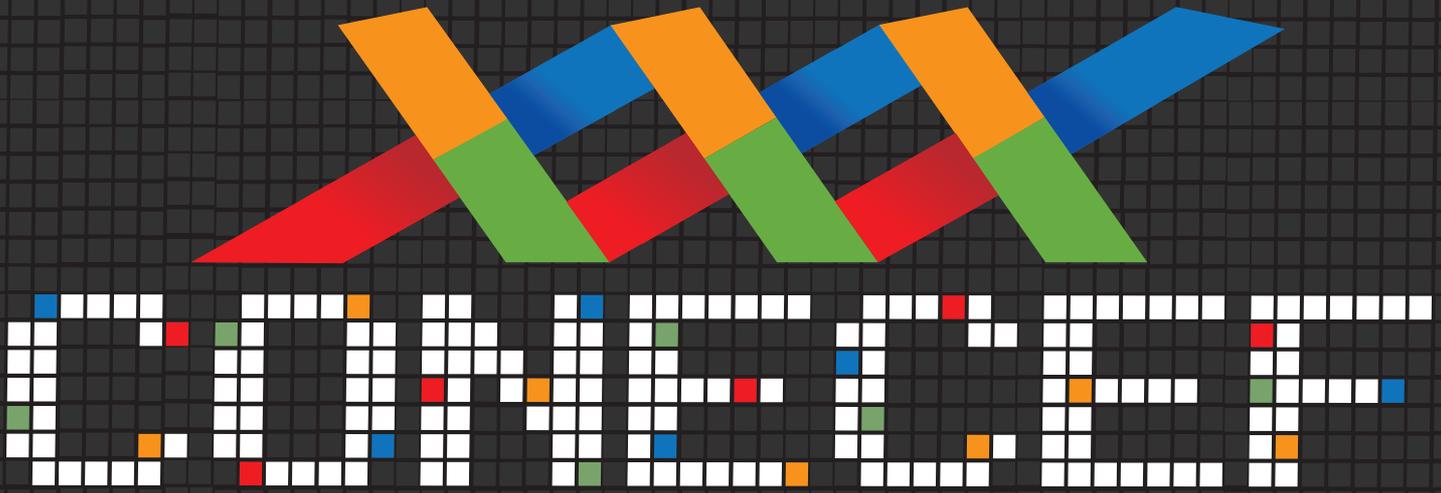
Sabemos que no Conselho de Administração são discutidas questões macro da empresa, como a relação com o mercado, contratos, análise do balanço e das contas e outros temas que envolvem a estratégia de atuação da Caixa. Mas sabemos também que nada disso se torna possível sem a atuação dos empregados, cujas demandas merecem total atenção.

Grande abraço.

Fernando Neiva (titular)
Maria Rita Serrano (suplente)

**Representantes dos empregados
no Conselho de Administração da Caixa**





Unidade e mobilização dos empregados da Caixa, em ritmo de **mais conquistas** e novos desafios

Na Caixa Econômica Federal, as negociações específicas para o acordo coletivo de 2014 serão guiadas pela exigência de “unidade e mobilização para mais conquistas e novos desafios”, slogan sob o qual será realizado em São Paulo (SP), no período de 6 a 8 de junho, o 30º Congresso Nacional dos Empregados da Caixa (Conecef). O evento deverá reunir cerca de 460 pessoas, entre delegados, observadores e convidados. No epicentro dos debates está defesa da Caixa como instituição pública, com condições de trabalho dignas e valorização dos empregados em atividade e aposentados.

Caberá ao 30º Conecef debater e construir a pauta de reivindicações específicas para a campanha salarial unificada deste ano, para, com base nisso, nortear o processo de negociações permanentes. Será dada ênfase, de modo

particular, para a reivindicação por condições dignas de trabalho, com a contratação de mais empregados para suprir a carência de pessoal nas unidades da empresa, assim como ao combate ao assédio moral e à violência organizacional. Outras prioridades são o fim das metas abusivas e do voto de Minerva na Funcef.

A coordenadora da Comissão Executiva dos Empregados (CEE/Caixa) e diretora de Administração e Finanças da Fenaef, **Fabiana Matheus**, ressalta a importância da mobilização dos bancários da Caixa no contexto da campanha salarial unificada, mas sem descuidar dos desafios que estão colocados também na mesa permanente de negociações específicas. **“Temos demonstrado ano a ano a nossa capacidade de organização e a nossa força como categoria, mas temos ainda muito a conquistar e avançar no âmbito da Caixa”**, acrescenta.





Mobilização reforçada pela pauta específica de reivindicações

O item das condições de trabalho é, para Fabiana Matheus, um dos pontos cruciais. Segundo ela, **“a urgência na contratação de pessoal decorre da gravidade dos problemas gerados pela absurda sobrecarga de trabalho imposta aos empregados, principalmente nas agências, onde o gargalo, os transtornos e, inclusive, a prática de assédio moral se manifestam de forma mais contundente”**.

Essa mobilização é reforçada ainda por outras reivindicações igualmente relevantes para combater o trabalho gratuito. São o caso da exigência de jornada

de seis horas para todas as funções, sem redução salarial, e da extinção do registro de horas negativas no Sistema de Ponto Eletrônico (Sipon). A isonomia entre empregados novos e antigos, com a extensão da licença-prêmio e do Adicional por Tempo de Serviço (ATS) para todos os trabalhadores, indistintamente, também estará entre as preocupações centrais dos delegados que irão ao 30º Conecef.

Nesse congresso, aliás, está garantida a cota de gênero de 40% em 2014 e de 50% em 2015, com a manutenção do corte em 30%. A participação dos observadores ficou definida em 10% da delegação total, entre empregados da ativa e aposentados. A coordenação está a cargo da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf/CUT), com assessoria da CEE/Caixa.





Conecef: **experiências e conquistas de uma história em movimento**

Como um fantasma que ronda e combate o autoritarismo das sucessivas direções da Caixa Econômica Federal, a fim de deixar marcas vivas no espaço e na memória dos empregados do banco, o Conecef completa em 2014 três décadas de luta. Portanto, o momento, portanto, é para expor experiências e conquistas de uma história em movimento.

O início remonta ao ano de 1985, quando um grupo de bancários plantou as primeiras sementes de um movimento que marcaria para sempre toda uma geração na empresa. A inspiração veio diretamente das mobilizações dos auxiliares de escritórios, segmento que era alvo de uma grande injustiça, pois recebia metade dos salários pagos aos técnicos administrativos.

O primeiro Conecef em 1985, em Brasília (DF), foi um marco. Serviu de palco para aprovar a primeira greve de caráter nacional na Caixa em 30 de outubro daquele ano, que varreu o Brasil de ponta a ponta, sendo decisiva para a conquista da jornada de seis horas e do direito à sindicalização de todos os empregados.

Hoje, como sempre, o Conecef mantém a sua vocação de apontar os rumos a serem seguidos. O caminho do evento se confunde com o próprio caminhar dos empregados da Caixa, já que não começou em Brasília (1985) e não vai terminar em São Paulo (2014). Isto porque, individual e coletivamente, o Conecef é feito de ações diárias e de engajamentos políticos, intelectuais, sociais e econômicos dos empregados da Caixa contra qualquer tipo de barbárie, seja na Caixa ou no Brasil.



Primeiro de maio: Símbolo de luta e resistência!

Consolidação das Leis do Trabalho (1943). Passamos de um mundo essencialmente rural, para um mundo urbano. Do protagonismo da indústria para a expansão dos serviços. De andanças do capital em diferentes direções e sentidos. Do real para o virtual. Das velhas às novas tecnologias e, em velocidade estonteante, uma revolução nos meios de comunicação.

Tudo isso desafia as novas posturas, colocando em xeque a atual regulação do mundo do trabalho frente às novas necessidades dos trabalhadores e de seus sindicatos. Afinal, trabalho continua a ser “trabalho humano” e como tal, solicita novos olhares e mecanismos efetivos de proteção.

As formas jurídicas refletem, e ao mesmo tempo compõem relações de trabalho que continuam desiguais e a exigir, como sempre, mecanismos efetivos de proteção para o trabalho e sua saúde.

Olhando para o futuro das relações de trabalho, sabe-se que há muito por fazer. O empresariado reclama de uma excessiva rigidez da legislação e do posicionamento do Judiciário. Há exageros, pois a nossa legislação não é tão rígida quanto aparenta. Basta ver que sobreviveu aos momentos de crise e floresce nos momentos de aquecimento da economia e da geração de empregos.

Mas isso não significa que não possa ou não deva ser atualizada. A atualização passa, necessariamente, por uma mudança na estrutura sindical brasileira que deve contemplar a possibilidade da atuação efetiva no momento de criação da norma coletiva.

A pulverização sindical experimentada especialmente nos últimos 15 anos, com a fragmentação de categorias profissionais e a multiplicação de sindicatos específicos, tem servido para fragilizar a negociação, afastando, assim, o sindicato da realidade vivida na empresa ou no setor econômico.

Sindicato continua sendo símbolo de resistência. O direito do trabalho, idem. Além disso, sindicato é, também, símbolo de conquista, de expansão de direitos e de adequação à realidade.

O mundo globalizou e as novas tecnologias impõem novas formas de participação, isso é fato. No entanto, uma coisa é certa: essas mesmas novas tecnologias não prescindem do Homem e de suas soluções criativas.

Recentemente, comemorou-se no Brasil o 1º de maio. Trata-se de uma data simbólica. Símbolo de luta e resistência de um mundo construído sob a tensão permanente entre o capital e o trabalho. Um mundo em transformação.

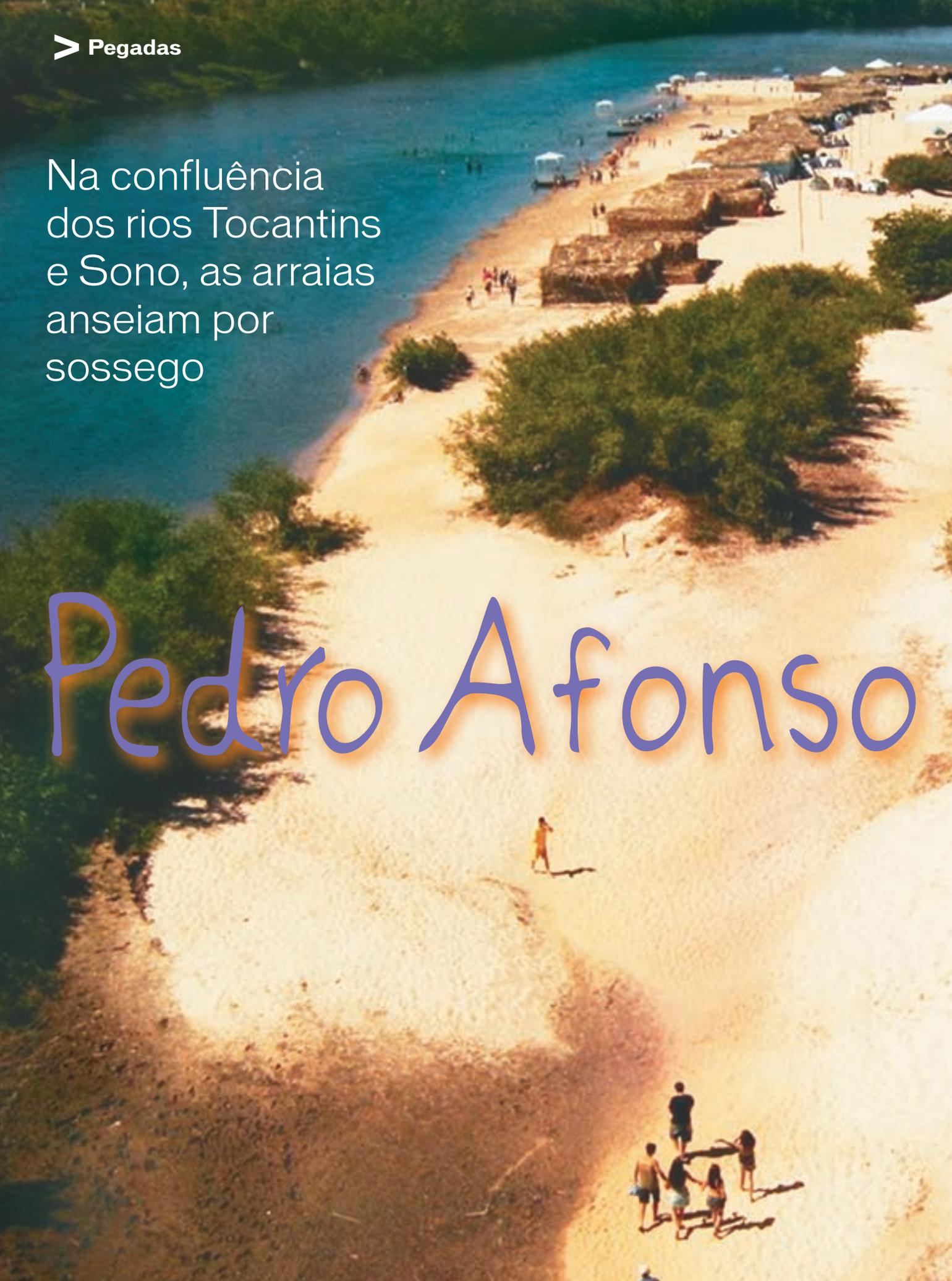
As relações de trabalho no Brasil sofreram muitas transformações ao longo de tantas décadas desde a

José Eymard Loguercio é advogado com mais de 20 anos de experiência e assessor jurídico de várias entidades sindicais. É sócio do escritório LBS Advogados Associados.



Na confluência
dos rios Tocantins
e Sono, as arraias
anseiam por
sossego

Pedro Afonso





Sempre no mês de junho, os habitantes de Pedro Afonso, a 173 quilômetros de Palmas, no Tocantins, são presenteados pela natureza com um espetáculo digno das visões mais delirantes dos beduínos no deserto. Situado precisamente na bifurcação fluvial, o município, que é banhado à esquerda pelo Rio Tocantins e à direita pelo Rio Sono - surpreende com paisagens naturais primorosas no período de estiagem.

Com o nível das águas mais baixo, o curso dos rios se divide em dois braços e revela praias cristalinas com finíssimas areias brancas. Assim, Pedro Afonso, conhecida durante o ano todo por sua representativa economia agrícola, suas ruas históricas com casas do século passado, igrejas, praças e gente acolhedora, passa a oferecer também inúmeras possibilidades de diversão e lazer em ecoturismo, esportes aquáticos, aventura e eventos culturais, que atraem centenas de pessoas no período das férias no meio do ano.



Nessa festa da natureza, existe uma curiosidade, além disso: a cidade é famosa pelas poças que, no período da seca, abrigam pequenas arraias nativas da espécie *Potamotrygonidae*, exclusivamente de água doce. Os peixes aguardam a cheia para voltar a nadar livremente, enquanto limitam-se a agitar a areia. Em seguida, deitam-se, passando a maior parte do tempo semienterrados, apenas com os olhos e espiráculos para fora.

Embora não sejam agressivas, os acidentes mais comuns com arraias ocorrem ao serem pisadas acidentalmente. É aí, então, que giram a cauda e, como consequência, acabam por inserir o ferrão nos desavisados. Além do trauma mecânico, os componentes tóxicos do ferrão causam dor intensa, edema e necrose, podendo até inativar o membro.

Pescadores e ribeirinhos dão a dica para curtir a natureza sem ninguém sair ferido: ao entrar na água, arraste os pés como aviso às arraias, o que lhe dará tempo para fugir.



Atletas das Apcefs se preparam para momentos de confraternização nos **Jogos da Fenae 2014**

Os Jogos da Fenae 2014 prometem. Faltam poucos meses para o evento agitar a cidade de Goiânia (GO), no período de 16 a 23 de agosto. A previsão é congregar pelo menos 2.500 atletas de todo o país, podendo o público chegar a três mil pessoas, entre convidados, familiares e equipes de trabalho. Será uma semana de disputas nas modalidades de atletismo, basquete, canastra, damas, futebol soçaite livre e máster, futsal, natação, sinuca, tênis de campo e de mesa, vôlei de praia em dupla, voleibol e xadrez.

Os locais das provas serão o Sesi, o Clube Jaó, a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). A cerimônia de abertura está programada para o dia 16 de agosto, às 20h, no Arena Goiânia, com a presença do nadador paraolímpico Daniel Dias. O ato será seguido de baile com todas as delegações das Apcefs. Dois outros eventos festivos estão previstos: o de confraternização (21 de agosto, na Agropecuária) e o de encerramento (dia 23, às 12h).

O diretor de Esportes da Fenae, Paulo Cesar Cotrim, afirma que um dos principais



objetivos é manter o nível de qualidade e participação. **“Os desafios aumentam a cada edição, e o número de participantes em 2014 pdoerá ultrapassar todas as demais”**, diz. Dessa vez, segundo ele, a novidade ficará por conta da participação de empregados que entraram na Caixa há pouco tempo. Outro ponto destacado por Cotrim é o da forte preparação de todas as delegações, **“o que possibilitará uma maior qualidade técnica dos atletas em todas as modalidades”**.

O sorteio das chaves para montagem das tabelas dos Jogos da FenaE 2014 foi realizado no dia 4 de junho, em Brasília (DF). O calendário prevê ainda a inscrição de atletas, que deverá ser feita até o dia 20 de junho. O prazo para a substituição termina em 21 de julho, sendo que após essa data os atletas só poderão ser substituídos entre os já inscritos. O Regulamento Geral da competição estabelece em 101 o quantitativo máximo de participantes por delegação.

Para conquistar o pódio, a preparação dos atletas é intensificada pelas 27 Apcefs afiliadas. Nesse caso, o objetivo é fazer bonito nas quadras, piscinas, campos e pistas dos Jogos da FenaE 2014, o maior e mais empolgante evento esportivo do pessoal da Caixa.



Segundo Roberto Goulart, diretor de Esportes da Apcef/DF, a delegação de Brasília prepara-se para manter a hegemonia e levar o bicampeonato. **“Os investimentos na contratação de bons treinadores não visam apenas preparar bem as equipes nas modalidades coletivas, individuais e em duplas, mas também melhorar o resultado da associação brasileira no quadro de medalhas de ouro”**, explica.

Tradicionalmente, os Jogos da FenaE propiciam confraternização e integração entre os participantes de diferentes gerações e de diversas regiões do país. Iniciou-se em 1987, em Belo Horizonte (MG). As demais edições ocorreram em Natal/RN (1989), Vitória/ES (1991), Curitiba/PR (1994), Salvador/BA (1998), Belo Horizonte/MG (2004), Blumenau/SC (2006), Brasília/DF (2008) e Vitória/ES (2012). Goiânia/GO (2014) foi a escolhida para sediar a 11ª edição. Dois anos atrás, na capital capixaba, a grande campeã foi a Apcef/DF, com 611 pontos.



Mais informações podem ser obtidas pelo hotsite **www.fenae.org.br/jogosfenae2014**.



FAMÍLIA DE PRODUTOS
Exclusivos

**A NOSSA FAMÍLIA FOI FEITA
PARA CUIDAR BEM DA SUA.**



O Grupo CAIXA SEGUROS oferece produtos com condições especiais para você, que é da Família CAIXA. Para conhecer a lista completa de benefícios e como contratar, acesse www.mundocaixa.com.br/familiaexclusivo

PAR
CORRETORA
SEGUROS E PREVIDÊNCIA
SAÚDE E RISCOS ESPECIAIS

CAIXA
SEGUROS E PREVIDÊNCIA
SEGUROS SAÚDE
CONSÓRCIOS
CAPITALIZAÇÃO



CONECEP

Um caminho de lutas e conquistas

Paridade para aposentados Jornada de 6h
Mais empregados Reintegração de demitidos
Fim do reajuste zero Implantação da PLR
Fóruns paritários Defesa da Caixa
Sindicalização Democratização na Funcef
...e muito mais.

 /fenaefederacao





FENAE

43 anos

*Desde 1971, estamos onde há
empregados da Caixa lutando
por seus direitos.
Todos os dias.*



FENAE

Juntos podemos mais